

RICHARD SENNETT

LIBRETO

SÃO PAULO/PORTO ALEGRE

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER
JUNTOS**

TEMPORADA
2015

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria

Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Tradução Artigo

Cássia Zanon

Editoração e Design

Lume Ideias

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com



► RICHARD SENNETT

(Estados Unidos, 1943)

Sociólogo e historiador norte-americano. Considerado um dos mais renomados intelectuais em sociologia urbana na atualidade, é autor de *Juntos* e *O declínio do homem público*.

“Como nós cooperamos com pessoas que não conhecemos, com estranhos, com pessoas de quem não gostamos ou com pessoas que são nossas concorrentes? É um tipo de cooperação muito complexa, que requer habilidades que não temos naturalmente de forma completamente desenvolvida. Nós precisamos aprender a desenvolvê-las.”

► VIDA E OBRA

Nascido em Chicago, o norte-americano Richard Sennett é considerado um dos maiores intelectuais em sociologia urbana na atualidade. Graduado pela Universidade de Yale e com Ph.D. em História da Civilização Americana pela Universidade de Harvard, seu trabalho une sociologia, história, antropologia e psicologia social. Aluno da filósofa alemã Hannah Arendt e com influências do filósofo francês Michel Foucault, seus estudos analisam a vida dos trabalhadores no meio urbano e questões ligadas à arquitetura das cidades.

Dos três aos nove anos de idade, morou com a mãe no conjunto habitacional Cabrini-Green, construído para resolver a escassez de moradia causada pela Segunda Guerra Mundial e para combater a segregação racial. Cabrini-Green foi um dos primeiros projetos de habitação que reunia negros e brancos nos Estados Unidos.

Sennett iniciou seus estudos musicais aos cinco anos de idade. Aos 15 anos, saiu de casa e passou a viver do seu trabalho como violoncelista, chegando a trabalhar com renomados músicos da Chicago Symphony Orchestra e Juilliard String Quartet. Em 1963, aos 19 anos, passou a sofrer de

síndrome do túnel carpal e foi obrigado a abandonar a carreira precocemente, investindo na carreira acadêmica.

Sennett explora como indivíduos e grupos dão sentido social e cultural às cidades em que vivem e ao trabalho que executam. Publicou vários livros sobre a organização urbana e as consequências sociais e emocionais do capitalismo contemporâneo. Sua obra mais conhecida é *O declínio do homem público*, na qual aborda a relação entre a vida pública e o culto ao indivíduo e ao individualismo.

Em 2009, lançou o primeiro volume da trilogia *Projeto Homo Faber*, para resgatar as habilidades necessárias à vida cotidiana. *O artífice* defende a ideia de que fazer é pensar e demonstra como o trabalho com as mãos pode animar o trabalho da mente. *Juntos*, segundo volume da trilogia, traz uma reflexão sobre a arte da cooperação e de como ela requer a capacidade de entender e mostrar-se receptivo ao outro. O último volume, ainda a ser lançado, tratará de como criar espaços para viver nas cidades.

Nos anos 1980, foi conselheiro da Unesco e presidente do American Council on Work, posição que o levou às salas de aula em Harvard como professor. Atualmente, é professor emérito na Escola de Economia e Ciência Política de

Londres, onde leciona desde os anos 1990, e professor na Universidade Nova York. Colabora com trabalhos com o MIT, a Faculdade Trinity e a Universidade de Cambridge.

Richard Sennett reflete sobre como os sujeitos podem se tornar intérpretes competentes da própria existência, mesmo diante dos obstáculos que a sociedade oferece. Para ele, pensamento e sentimento estão contidos no processo de fazer, transformando em falsa a divisão entre o “homem que faz” e o “homem que pensa”. Em reconhecimento aos seus estudos, recebeu os prêmios Hegel e Spinoza, e o doutorado honorário pela Universidade de Cambridge, entre outros.

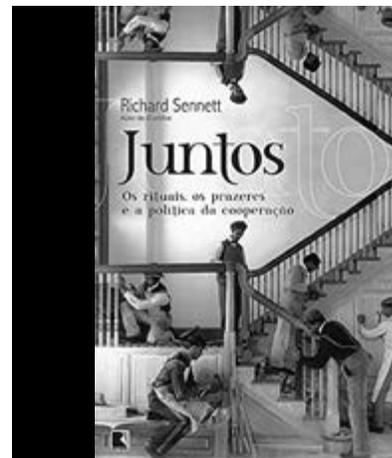
“O pensamento ‘nós-contra-eles’ sempre existiu, mas o que há de novo é uma espécie de indiferença pelo que é diferente. Não há mais o medo de violência entre ‘tribos’, o que acontece é mais sutil, é um recuo em relação ao outro, como se o outro simplesmente não existisse. A manifestação econômica disso é que, por um lado, as elites podem tratar as massas como se fossem invisíveis, e, por outro, os diversos grupos que compõem as massas se tornam menos capazes de interagir uns com os outros.”

“Interesso-me por formas de organização em que as pessoas possam permanecer juntas, sem que isso dependa exclusivamente do sucesso imediato de uma meta comum. Isso é particularmente importante para minorias e grupos oprimidos. Precisamos redefinir o que entendemos por uma política da cooperação. Em parte, isso tem a ver com mudar o foco da ação política, privilegiando menos os partidos e mais as instituições da sociedade civil que podem se tornar referências sociais e comunitárias e lutar por direitos comuns. Um dos efeitos do ‘tribalismo’ contemporâneo é que ele tende a enfraquecer a sociedade civil. Isso fica claro quando observamos as grandes cidades, por exemplo.”

“Na essência, um ambiente de trabalho deveria ser um lugar onde as pessoas aos poucos desenvolvem habilidades específicas e se tornam mais competentes. Mas isso exige um tipo de ambiente de trabalho que está desaparecendo. Hoje, as organizações já não empregam trabalhadores, elas com-

pram trabalho. Se uma organização precisa de determinada habilidade e não a encontra por um bom preço no Brasil, por exemplo, ela pode comprar essa habilidade nas Filipinas. Desenvolver habilidades exige tempo para cultivar relações com outras pessoas, tempo para aprender com os próprios erros. Mas o neoliberalismo trata esse processo de cultivo das habilidades como improdutivo e ineficiente. Então, o que temos são ambientes de trabalho com péssimas relações, que não dão aos trabalhadores condições para se desenvolver.”

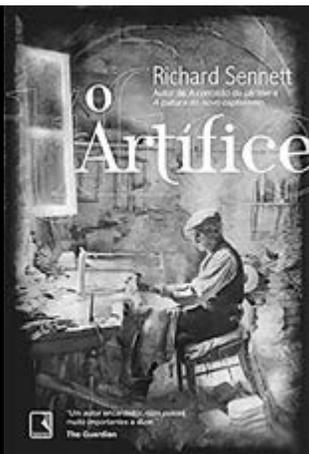
“Eu me cansei de ser apenas um crítico do capitalismo. É deprimente escrever somente sobre o que não funciona bem. Comecei, então, a pensar sobre qual seria a melhor maneira de compreender como as pessoas exercem um ofício e trabalham. E todo esse novo campo que diz respeito a questões relacionadas às habilidades, à busca da qualidade e à forma que as atividades produtivas podem estar associadas a como as pessoas cooperam umas com as outras, estabelecem relações sociais e criam espaços para viver nas cidades, se abriu para mim. São esses os temas da trilogia (Projeto Homo Faber).”



***JUNTOS – OS RITUAIS,
OS PRAZERES E
A POLÍTICA DA
COOPERAÇÃO***

*Together: The rituals, pleasures,
and politics of cooperation*
1ª edição – 2012 / Edição em
português – Record, 2012

Richard Sennett procura explorar como as pessoas podem aprender a cooperar nas culturas intensamente competitivas e egoístas. Dividido em três partes, o livro aborda a natureza da cooperação, por que essa se tornou fraca, e como poderia ser reforçada. De acordo com o autor, as pessoas devem aprender a arte da cooperação se quiserem que a sociedade prospere.



O ARTÍFICE

The craftsman

1ª edição – 2008 /

Edição em português –

Record, 2009

Neste livro, Sennett explora o trabalho manual não industrializado. Conectando o esforço físico a valores éticos, o autor discorre sobre o desejo de fazer as coisas da melhor maneira possível e sobre a frustração e os danos causados quando esse desejo nos é negado. Sennett expande o conceito de “artesanato” e mostra o quanto é possível aprender sobre si mesmo por meio do ato de produzir manualmente.



**A CORROSÃO
DO CARÁTER – O
DESAPARECIMENTO
DAS VIRTUDES COM O
NOVO CAPITALISMO**

The corrosion of character –

*The personal consequences of
work in the new capitalism*

1ª edição – 1998 / Edição em
português – Best Bolso, 2012

O livro pretende ajudar a compreender o intenso contraste entre dois mundos de trabalho – aquele da rigidez das organizações hierárquicas focadas no senso de caráter pessoal, e que está desaparecendo, e o mundo da reengenharia das corporações, com risco, flexibilidade, trabalho em rede e equipes que trabalham juntas durante um curto espaço de tempo, no qual o que importa é cada um ser capaz de se reinventar a toda hora.

► NA WEB

RICHARD
SENNETT
O DECLÍNIO
DO HOMEM
PÚBLICO AS TIRANIAS
DA INTIMIDADE



O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO – AS TIRANIAS DA INTIMIDADE

The fall of public man

1ª edição – 1977 / Edição em
português – Record, 2014

Neste clássico estudo indispensável sobre o desequilíbrio da civilização moderna, Sennett oferece uma perspectiva fascinante sobre a relação entre a vida pública e o culto ao indivíduo e ao individualismo. Da sociedade urbana do século XVIII ao mundo em que vivemos na atualidade, incluindo o declínio da participação na vida política nas últimas décadas, o autor acompanha as causas da nossa decrescente participação nas questões sociais.

SITE OFICIAL

<http://www.richardsennett.com>

FLICKR

<https://www.flickr.com/photos/richardsennett/>

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Sennett

LSE - Perfil no *site* da Escola de Economia e Ciência Política de Londres

<http://www.lse.ac.uk/sociology/whoswho/academic/sennett.aspx>

<http://is.gd/Sennett1>

ENTREVISTAS

“Temos que valorizar a diferença”

Entrevista para o caderno Prosa do jornal *O Globo*, publicada em agosto de 2012

<http://is.gd/Sennett2>

(<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/08/11/temos-que-valorizar-diferenca-entrevista-com-richard-sennett-459740.asp>)

“É preciso perder o medo do fracasso”

Entrevista para o jornal *Clarín*, publicada em julho de 2012 (em espanhol)

<http://is.gd/Sennett3>

(http://www.revistaenlinea.clarin.com/ideas/Richard-Sennett-entrevista-sociologia-buenos-aires_0_745125489.html)

“A sociedade de serviços tirou habilidades das pessoas”

Entrevista para o programa *Milênio* do canal GloboNews, transcrita pelo *site* ConJur em setembro de 2012

<http://is.gd/Sennett4>

(<http://www.conjur.com.br/2012-set-14/ideias-milenio-richard-sennet-sociologo-professor-oxford>)

Juntos agora

Entrevista para o jornal *Valor Econômico*, publicada em agosto de 2012 e reproduzida no *site* do IHU

<http://is.gd/Sennett5>

(<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512802-juntos-agora>)

“O capitalismo financeiro destruiu o sentido de carreira”

Entrevista para o jornal *Le Monde*, publicada em novembro de 2010, resumida pelo *blog* de Marcos Guterman no jornal *O Estado de S.Paulo*

<http://is.gd/Sennett6>

(<http://blogs.estadao.com.br/marcos-guterman/richard-sennett-%E2%80%99Co-capitalismo-financeiro-destruiu-o-sentido-de-carreira%E2%80%99D/>)

“O capitalismo se tornou hostil à vida”

Entrevista de Richard Sennet para o jornal *Clarín*, publicada em dezembro de 2009, traduzida pelo *site* Ecodebate

<http://is.gd/Sennett7>

(<http://www.ecodebate.com.br/2010/01/06/o-capitalismo-se-tornou-hostil-a-vida-entrevista-com-richard-sennett/>)

VÍDEOS E LINKS

Livros no Brasil

Página do *site* da editora Record com a relação dos livros de Richard Sennett publicados no Brasil

<http://is.gd/Sennett8>

(http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=1788)

Entrevista exclusiva

Entrevista exclusiva feita pelo *Fronteiras do Pensamento* com Richard Sennet em Nova York, publicada em dezembro de 2013 (legendada)

<http://is.gd/Sennett9>

(<https://www.youtube.com/watch?v=Rq2HJK-tuf0>)

The School of life

Vídeo do School of life, projeto criado por Alain de Botton. Richard Sennett fala sobre cooperação e o livro *Juntos*. Publicado em abril de 2013 (em inglês)

<http://is.gd/Sennett10>

(<https://www.youtube.com/watch?v=k3VuFlhPZc4>)

The Guardian

Colaborações de Richard Sennett para o jornal *The Guardian* (em inglês)

<http://is.gd/Sennett11>

(<http://www.theguardian.com/profile/richardsennett>)

A CIDADE ABERTA

POR RICHARD SENNETT

Artigo traduzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, publicado originalmente no *site* de Richard Sennett.

<http://www.richardsennett.com/site/senn/UploadedResources/The%20Open%20City.pdf>

As cidades em que todos querem viver deveriam ser limpas e seguras, contar com serviços públicos eficientes, ter o suporte de uma economia dinâmica, oferecer estímulos culturais e também fazer o máximo para curar as divisões sociais de raça, classe e etnia. Essas não são as cidades em que vivemos.

As cidades falham em todos esses aspectos devido a políticas governamentais, doenças sociais irreparáveis e forças econômicas além do controle local. A cidade não é dona de si mesma. Ainda assim, alguma coisa deu errado, radicalmente errado, em nossa concepção do que uma

cidade em si deveria ser. Talvez essas belas palavras – limpa, segura, eficiente, dinâmica – não sejam elas próprias suficientes para confrontar criticamente nossos senhores.

Nesta conversa, gostaria de propor que olhemos para a cidade de uma forma mais abrangente. Hoje, fazemos das cidades sistemas fechados. Para melhorá-las, deveríamos transformá-las em sistemas abertos. Precisamos aplicar ideias sobre sistemas abertos que atualmente animam as ciências para animar nossa compreensão da cidade. Mais do que isso, em uma cidade aberta, quaisquer virtudes de eficiência, segurança ou sociabilidade que as pessoas consigam, elas obtêm em virtude de suas próprias ações. Mas apenas porque uma cidade reúne pessoas que se diferem em termos de classe, etnia, religião ou preferência sexual, em um sistema aberto, a cidade é, até certo grau, incoerente. A dissonância marca o meio aberto de vida mais do que a coerência. No entanto, é uma dissonância da qual as pessoas se apropriam.

Sem ficar com vocês até a madrugada, não tenho como fazer justiça a este argumento, mas tentarei destacar suas características essenciais.

I. Fechada

Deixe-me começar com um paradoxo. A arte de projetar cidades decaiu drasticamente na metade do século XX. Isso é um paradoxo, porque o urbanista de hoje tem um arsenal de ferramentas tecnológicas – de iluminação a pontes e de túneis a materiais de construção – que os urbanistas de cem anos atrás não podiam sequer começar a imaginar: temos mais recursos para serem usados do que no passado, mas são recursos que não usamos com muita criatividade.

Esse paradoxo pode seguir até a determinação excessiva tanto das formas visuais quanto das funções sociais da cidade. As tecnologias que tornam a experimentação possível têm sido subordinadas a um regime de poder que deseja ordem e controle. Um exemplo clássico é o “Plan Voisin” de Corbusier em meados da década de 1920 para Paris. O arquiteto concebeu a substituição de uma grande faixa do centro histórico de Paris por edifícios uniformes em forma de X. A vida pública nas ruas seria eliminada; o uso de todos os edifícios seria coordenado por um único plano-mestre. A arquitetura de Corbusier não é apenas uma espécie de manufatura industrial de prédios. No “Plan Voisin”, ele tentou destruir justamente o elemento que, como veremos, cria a abertura em uma cidade. Ele se

livrou da vida no plano das ruas. Em vez disso, as pessoas moram e trabalham em isolamento, no alto.

Esta distopia se tornou realidade de várias maneiras. O tipo de edifício do Plan moldou as moradias públicas de Chicago a Moscou, abrigando imóveis que vieram a se parecer com depósitos para os pobres. A pretendida destruição da vibrante vida nas ruas de Corbusier foi realizada no crescimento suburbano para as classes médias, com a substituição das ruas principais por *shopping centers* monofuncionais, por condomínios fechados e escolas e hospitais construídos como *campi* isolados. A proliferação dos zoneamentos no século XX é sem precedentes na história do *design* urbano, e esta proliferação de regras e regulações burocráticas acabou com a inovação e o crescimento locais, congelando a cidade no tempo.

O resultado da determinação excessiva é outro paradoxo, ou seja, essas cidades congeladas se deterioram muito mais rapidamente do que o tecido urbano herdado do passado. Conforme os usos mudam, os edifícios precisam ser substituídos, uma vez que relações forma-função fixas os tornam tão difíceis de adaptar. O tempo de vida médio de uma residência pública na Grã-Bretanha é hoje de 40 anos. O tempo de vida médio dos novos arranha-céus em Nova York é de 35 anos. A especificação

excessiva de forma e função torna o ambiente urbano moderno um lugar frágil.

Podem parecer que a Cidade Frágil de fato estimularia o crescimento urbano, o novo eliminando mais rapidamente o velho, mas os fatos argumentam contra essa visão. Nos Estados Unidos, as pessoas deixam os subúrbios decadentes em vez de reinvestir neles. Na Grã-Bretanha e no Continente, assim como nos EUA, “revitalizar” o centro da cidade mais frequentemente significa deslocar as pessoas que viviam lá antes. Mas essa fragilidade nos diz algo em contraste sobre o crescimento de um tipo mais aberto. É mais complicado do que simplesmente substituir o que existia antes. Isso exige um diálogo entre os modos passado e presente, um diálogo amorfo e que frequentemente justapõe presente e passado sem qualquer modulação. Dessa forma bastante dissonante, o crescimento em uma cidade aberta é mais uma questão de evolução do que de apagamento.

Além da determinação excessiva, um sistema fechado tem outras duas características: equilíbrio e integração. Essas duas características são normalmente vistas como virtudes em políticas governamentais de um modo geral e não apenas no planejamento urbano. Um programa deveria ser equilibrado; tudo deveria ser coerente! Mas o planejamento urbano mostra por que na verdade equi-

líbrio e integração, assim como determinação excessiva, podem ser destruição.

O sistema fechado regido pelo equilíbrio deriva de uma ideia pré-keynesiana de como os mercados funcionam. Parte do princípio de algo como um resultado final em que receitas e despesas são igualadas. No planejamento estatal, ciclos de *feedback* de informações e mercados internos devem garantir que os programas não “comprometam excessivamente”, não “suguem recursos para um buraco negro” – tal é a linguagem das recentes reformas do serviço de saúde, novamente conhecida dos urbanistas pela forma como os recursos de infraestrutura para transporte são alocados. Os limites para se fazer qualquer uma dessas coisas são realmente estabelecidos pelo medo de negligenciar outras atividades. Em um sistema fechado, um pouco de tudo acontece simultaneamente. O que é uma receita para baixa qualidade.

Em segundo lugar, um sistema fechado deve ser integrado. Idealmente, cada parte do sistema tem seu lugar em uma concepção global. A consequência desse ideal é rejeitar, eliminar experiências que se destaquem por serem contestadoras ou desorientadoras. Coisas que “não se encaixam” perdem valor. A ênfase em integração estabelece um padrão óbvio à experimentação. Como inventor do ícone de computador, John Seely Brown observou um dia

que todo avanço tecnológico representa no instante de seu nascimento uma ameaça de ruptura e disfunção a um sistema maior. As mesmas exceções ameaçadoras ocorrem no ambiente urbano, ameaças que o planejamento moderno de cidades vem tentando evitar acumulando uma montanha de regras definindo contextos históricos, arquitetônicos, econômicos e sociais – “contexto” sendo uma palavra educada, mas poderosa na repressão de qualquer coisa que não se encaixe, o contexto garantindo que nada se sobressaia, ofenda ou desafie.

Estas três características de um sistema fechado – coerência formal, equilíbrio e integração – atormentam desde os educadores até os urbanistas. O sistema fechado revela o horror à desordem do burocrata do século XX. Assim posto, parecemos estar em um terreno intelectual habitado por liberais como Karl Popper, que escreveu de forma memorável sobre sociedades abertas e fechadas, ou mesmo nas vertiginosas montanhas libertárias de Ayn Rand e outros extremistas. Mas eu acredito que haja uma forma totalmente diferente de se pensar em abertura. O contraste social com o sistema fechado não é o livre mercado, nem a alternativa à Cidade Frágil é um lugar regido por construtoras.

Devo dizer aqui que a perspicácia do neoliberalismo de um modo geral, e do thatcherismo em particular,

é falar a língua da liberdade ao mesmo tempo em que manipula sistemas burocráticos fechados em prol de ganhos privados de uma elite. Da mesma forma, em minha experiência como urbanista, essas construtoras em Londres, assim como em Nova York, que mais reclamam sobre restrições de zoneamento são todas peritas em usar essas mesmas regras às custas das comunidades. O contraste com o sistema fechado reside em um tipo diferente de sistema social, não em iniciativa privada bruta – um sistema socialmente aberto a diferentes vozes que se preocupam umas com as outras em vez de cada uma fazer sua parte isoladamente.

II. Aberta

Para a ciência, sistemas abertos são companheiros conhecidos. Eventos fortuitos, formas mutantes, elementos que não podem ser homogeneizados ou não são intercambiáveis – todos esses fenômenos distintos da matemática e/ou do mundo natural podem, contudo, formar um padrão, e é a esse conjunto que nos referimos como sendo um sistema aberto. Com o tempo, um sistema aberto pode ser não linear e dentro do intervalo de dependência aos padrões de acaso estudados por Georgi Markov. No espaço, um sistema aberto se assemelha mais

a um coloide químico do que a um composto. O sistema aberto mais conhecido e magnífico familiar a todos nós é a versão da evolução de Charles Darwin, que combina elementos de mutações aleatórias, dependência de trajetória e o ambiente concebido como um coloide no qual a seleção natural realiza seu trabalho.

No pensamento social, a ideia de um sistema aberto costuma ser associada a Niklas Luhmann e, mais particularmente, à sua ideia de “autopoiese”. Este belo termo indica sua crença de que os seres humanos criam, através da troca mútua, os sistemas de valor segundo os quais vivem, e que, quanto mais trocam uns com os outros, mais individualizados se tornam. Entretanto, as trocas que ele tem em mente são verbais. O mundo de formas construídas não tem presença nessas trocas e, de certo modo, nem voz própria.

A ideia de um sistema aberto urbano é de que as formas físicas deveriam receber uma voz consequente. De maneira menos poética, podemos dizer que há interação entre a criação física e o comportamento social. O que chamamos de “órgão” em uma cidade é um coloide dessas duas atividades diferentes. Para falarmos de maneira mais concreta, precisamos apenas invocar o nome da grande urbanista Jane Jacobs.

Contra a visão excessivamente determinada de Le Corbusier, Jacobs argumentava que os locais deveriam se tornar ao mesmo tempo densos e diversificados, tanto como ruas densas quanto como praças. Tais condições físicas podem promover encontros inesperados, descobertas fortuitas, a inovação que é o *genius loci* das cidades. Saudável, limpo e seguro: podemos experimentar essas virtudes ambientais em um subúrbio, se formos ricos o bastante, mas apenas um certo tipo de lugar, uma cidade aberta, irá nos estimular – e esse estímulo ocorre de forma particular. Em uma famosa declaração, Jacobs disse: “Se densidade e diversidade dão vida, a vida que criam é desordenada”. A cidade aberta parece Nápoles, a cidade fechada parece Frankfurt.

Toda uma escola de urbanismo surgiu sobre esse fundamento, tanto prática quanto analítica. Analiticamente, ela afirma que o grande capitalismo e os construtores poderosos tendem a favorecer fechamento e homogeneidade, determinados, previsíveis e equilibrados na forma. O papel do urbanista radical, portanto, é promover a dissonância. No urbanismo prático, se uma cidade é aberta, ela permitirá puxadinhos e adaptações rudimentares a prédios existentes. Estimulará o uso de espaços públicos que não se encaixem completamente, como inserir uma quadra de tratamento de Aids no meio de uma rua comercial.

Os estímulos de uma cidade aberta podem parecer um reflexo mais amplo do dito de William Empson segundo o qual “as artes resultam da superpopulação”. No entanto, existe uma divisão entre os urbanistas de cidades abertas que compartilham esse modo de pensar. Jacobs privilegia a combustão espontânea: reunir as pessoas espontaneamente faz com que elas compitam, conpirem, fofoquem, inovem. O estímulo é a simples densidade física por si só. Por mais que eu sempre tenha sido favorável a suas ideias, aqui divergimos: para mim, as formas espaciais que a densidade assume são o que mais importa no estímulo das pessoas em questões físicas para a formação da cidade aberta. O *design* urbano, como *design*, não tem muito peso na versão dela da cidade aberta. A arte do *design* importa na minha.

Eu gostaria de concluir apresentando três formas nas quais acredito que uma cidade aberta pode ser bem projetada. Esses *designs* envolvem a criação de limites ambíguos entre partes da cidade, planejando formas incompletas em edifícios e pensando narrativas de construção não resolvidas. Como disse, poderíamos explorar cada uma delas até a madrugada, então, tentarei expor brevemente qual é a minha abordagem.

Limites ambíguos: Steven Gould chama nossa atenção para uma importante distinção nas ecologias naturais

entre dois tipos de limites: fronteiras e divisas. Uma fronteira é um limite onde as coisas terminam, a divisa é um limite onde grupos diferentes interagem. Nas divisas, os organismos se tornam mais interativos devido à reunião de espécies diferentes de condições físicas. Por exemplo, onde a margem de um lago encontra a terra firme é uma zona ativa de trocas onde organismos encontram e se alimentam de outros organismos. Não é uma surpresa que seja também na divisa que o trabalho da seleção natural é mais intenso. Enquanto que a fronteira é um território vigiado, estabelecida por grupos de leões ou matilhas de lobos. Não há transgressão na fronteira: mantenha distância! O que significa que o próprio limite é morto.

Queremos também levar em consideração outra condição de limite, este no nível celular. Esta é a diferença entre uma parede celular e uma membrana celular. A parede celular retém o máximo possível internamente. É análoga a uma fronteira. A membrana celular é mais aberta, mais como uma divisa – mas as membranas revelam algo importante sobre o que “aberto” significa. A membrana não funciona como uma porta aberta. Uma membrana celular é ao mesmo tempo porosa e resistente, preservando alguns elementos valiosos da cidade, deixando que outros elementos valiosos atravessem a membrana. Pense na distinção entre parede e membrana como

uma diferença em grau: no nível celular, a conservação e a resistência são partes da equação que produz abertura.

Essas diferenças naturais entre fronteira/parede e divisa/membrana esclarecem a forma de construção fechada e aberta. A fronteira/parede domina a cidade moderna. O hábitat urbano é dividido em partes segregadas por fluxos de tráfego, por isolamento funcional entre regiões por trabalho, comércio, família e espaço público. A forma mais popular internacionalmente de novas construções residenciais, os condomínios fechados, levam a um extremo a ideia de parede de fronteira. O resultado é que a troca entre diferentes comunidades raciais, étnicas ou de classe diminui. Assim, devemos querer construir a divisa/membrana.

Apenas conecte! A prescrição de E. M. Forster pode parecer piedosa e bem intencionada, mas tem algumas implicações perturbadoras sobre o *design* urbano. Vou lhes dar um exemplo da minha própria experiência urbanista. Há alguns anos, fui envolvido no planejamento da criação de um mercado para servir à comunidade hispânica do Spanish Harlem em Nova York. Essa comunidade, uma das mais pobres da cidade, fica acima da rua 96 no Upper East Side de Manhattan. Logo abaixo da rua 96, em uma mudança abrupta, situa-se uma das comunidades mais ricas do mun-

do, entre as ruas 96 e 59, comparável a Mayfair em Londres ou o 7º Arrondissement em Paris.

Quando as pessoas costumam imaginar onde se encontra a vida de uma comunidade, normalmente procuram por ela no centro dessa comunidade. Para fortalecer a vida comunitária, urbanistas tendem a intensificar a vida no centro, o que significa negligenciar as margens. Assim, minha equipe optou por situar La Marqueta no centro do Spanish Harlem, a 20 quadras de distância, exatamente no centro da comunidade, e a ver a rua 96 como um limite morto, onde não acontece muita coisa. Fizemos a escolha errada. Se tivéssemos estabelecido o mercado naquela rua, poderíamos ter estimulado atividades que reuniriam ricos e pobres em algum contato diário comercial e físico. Desde então, urbanistas mais sábios aprenderam com nosso erro, e no West Side de Manhattan buscaram estabelecer os novos recursos da comunidade nos limites entre diferentes comunidades, com o objetivo por assim dizer de produzir divisas porosas. Esta sabedoria é uma forma de criação visual/social; é, com o devido respeito a Jane Jacobs, produtora de forma, e, com o devido respeito a Niklas Luhmann, uma poiese espacial.

Formas incompletas não são tão fáceis de projetar como pode parecer. Forma e função precisam estar conectadas ligeiramente, se não claramente separadas. O motivo é que,

conforme a função de uma construção muda historicamente, a forma só pode se adaptar se não for excessivamente determinada, como eu disse antes. Se, como em uma casa georgiana, a forma é simples – neste caso, basicamente uma construção na forma de caixa de sapato –, ela pode tornar-se flexível. Mas a maioria dos edifícios modernos, especialmente os altos, têm complexas infraestruturas de iluminação, encanamento e eletricidade. É difícil fazer essa infraestrutura se adaptar a novos propósitos. Por exemplo, esforços recentes para converter torres comerciais de Wall Street em edifícios de apartamento se revelaram caros e insatisfatórios. A forma incompleta desafia o *design* ideal de um objeto físico como adequado para um propósito. Em vez disso, o desafio da forma incompleta é como usar novas tecnologias para fazer construções ao mesmo tempo mais simples e de operação mais flexível.

Depois que se rompe com o estrangulamento da função na forma, depois que os edifícios ficam menos rígidos em sua adequação às finalidades, eles podem se tornar estruturas vivas, em evolução.

Compreender tudo isso é importante, mesmo para quem não é urbanista, porque a forma incompleta é um princípio básico da boa conduta na vida social de um modo geral. Na sociologia, a forma incompleta atende

pelo nome de “dialógica”. Na vida social cotidiana, é o que chamamos de boa habilidade para ouvir ou de perceber o que as pessoas querem dizer mas não encontram as palavras certas para isso, ou de reunir pedaços desconectado de ideias quando as pessoas conversam umas com as outras. Em todos esses casos, reconhecemos que as pessoas não pensam nem falam com as frases perfeitamente concisas e claras de Flaubert. Mais do que isso, reconhecemos que elas podem estar enfrentando ideias ou emoções complicadas demais para serem expressas em uma prosa fluente e, por assim dizer, bem azeitada. Portanto, somos forçados a interpretar silêncios ou fragmentos, a encontrar sentido na expressão incompleta. Esta textura rica pode ser diminuída se, como professores, declaramos: “o que você realmente quer dizer é” ou “para esclarecer, você levantou os seguintes três pontos...”. Dialogia é o estudo daquela complexidade que transcende a clareza. Além disso, a ambiguidade e a obliquidade podem desempenhar um papel libertador nas relações sociais: ao mesmo tempo provocando e fazendo refletir. Essas virtudes são, acredito, tão produtivas na construção do mundo físico como na criação de bons relacionamentos sociais.

Na escala urbana mais ampla, afinal, a mesma lógica de incompletude se aplica ao que chamarei de narrativas de construção não resolvidas.

Narrativa não resolvida: por fim, levemos em consideração os romances de época ou outros romances sentimentais. Todos os incidentes nessas bem-feitas narrativas são resolvidos ao final, quando ocorre uma catarse satisfatória em que tudo fica em seu devido lugar – a criada heroína se casa com o senhor da mansão ou o vilão é finalmente desmascarado. A narrativa tem clareza. Em termos técnicos, é linear, o que significa que o enredo avança em uma sequência em linha reta. Narrativas lineares contrastam com sequências dialógicas: um significado esclarecedor aparece na narrativa linear, pelo menos nas ficcionais vitorianas, enquanto que, na dialógica, as coisas podem ficar cada vez mais nebulosas. Simplificando, a narrativa linear segue em frente rumo a uma conclusão, enquanto que o encontro dialógico enfatiza o processo por si só.

De fato, planejar uma cidade fechada é realmente equivalente a criar o enredo de um romance sentimental. O urbanista de mente fechada quer visualizar desde o princípio todos os resultados no final – e, infelizmente, a legislação urbanista da Grã-Bretanha exige tais especificações até os mínimos detalhes de altura e largura de calçadas ou intensidade de iluminação em uma nova rua. Uma descoberta surpreendente em relação ao subsolo ou ao ambiente local é tratada como uma interferência nos planos, como um

impeditivo para a realização de um objetivo. A rigidez e a clareza linear do começo ao fim visam reger a concretização.

A vida real raramente segue o roteiro de uma narrativa linear e, no processo real de construção, essa clareza compulsiva raramente é prática. No entanto, em todo trabalho de urbanismo, pensamos em termos de narrativa, em um outro sentido da palavra. Focamos nos estágios nos quais um projeto específico se desenrola. Isso pode ser uma questão de pensamento lógico do tipo se-então, ou pode ser uma lógica mais arriscada – e agora, e se? Mas ainda estamos tentando pensar os eventos em termos de consequências em vez de como uma série aleatória.

O urbanismo na cidade aberta, como os sistemas abertos em matemática e no mundo natural, deveria adotar formas de sequência não lineares. Ao longo dos anos, desenvolvi uma forma de trabalhar com clientes que envolve avaliações de andamento em estágios críticos do trabalho. Já redefinimos preços de escolas, eliminamos ou adicionamos quartos em clínicas de saúde, modificamos especificações de cozinhas e banheiros em casas durante o andamento dos trabalhos. Tentei combinar minha própria autoridade teimosa com um certo tipo de democracia neste processo. Eu decido quando o estágio crítico para se repensar chegou, e meus clientes –

normalmente comunidades locais – fazem a maior parte desse trabalho. Para você, isso pode parecer apenas bom senso. Em um bom laboratório científico, avaliações de andamento seriam a prática normal. Mas a prática faz as autoridades urbanas subirem pelas paredes. Deve ser um dos motivos pelos quais eu não faço tantos trabalhos práticos quanto gostaria. Por isso, permitam-me a frustração – ou seria neurose.

Imagine um cientista em um laboratório declarando: “Vou apenas testar uma hipótese para ver se é falsa ou verdadeira, e, se a experiência resultar em matérias extrínsecas ao teste, irei ignorar essas matérias”. Esse seria um cientista realmente muito medíocre. Se um escritor anunciasse, no começo de uma história, eis o que acontecerá, o que os personagens se tornarão e o que a história quer dizer, ninguém se daria ao trabalho de ler o livro.

O urbanismo de cidade aberta lida com conflitos e possibilidades em sequência. Há a solução de problemas, mas também a busca de problemas, descoberta em vez de apenas clareza. Toda boa narrativa tem a propriedade de explorar o imprevisto, a descoberta. A arte do escritor é dar forma ao processo dessa exploração. A arte do urbanista é semelhante.

Nesta conversa, resumi um grande contraste, o existente entre a cidade fechada e a cidade aberta. Fechada significa excessivamente determinada, equilibrada, integrada, linear. Aberta significa incompleta, errante, conflitante, não linear. A cidade fechada é cheia de fronteiras e paredes. A cidade aberta apresenta mais divisas e membranas. A cidade fechada pode ser projetada e operada de cima para baixo. É uma cidade que pertence aos senhores. A cidade aberta é um local de baixo para cima. Ela pertence às pessoas. É claro que esses contrastes não são absolutos em preto e branco. A vida real é pintada em tons de cinza. No entanto, para projetar bem a cidade moderna, acredito que precisamos desafiar suposições impensadas feitas hoje sobre a vida urbana, suposições que favorecem o fechamento. Acredito que temos de adotar ideias menos tranquilizadoras e mais febris sobre viver juntos, aqueles estímulos de diferenças, tanto visuais quanto sociais, que geram abertura.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO